

O DOMINGO

ilustrado

SEMANARIO

R. DO PEDRO V. 18
111 631 N. LISBOA

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
GUINEA E BRAZIL

MODA E ACTUALIDADES - FOTOGRAFIA - DESINHOS - SPORTS - THEATRO - CONSELHOS - UTILIDADES



QUIRINO, O FAVORITO!

O grande e popular corredor, favorito do publico, ao chegar á meta na Avenida, concluindo brilhantemente a volta a Portugal em bicicleta. Quirino montou sempre, sem uma contrariedade, uma magnifica maquina «Chandler», da conhecidissima casa Armando Crespo & C.ª, da Rua do Crucifixo, 118, 124, Lisboa.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

cronica da semana

OS ROUXINOIS
DO MONDEGO

COIMBRA não será o berço do fado— porque o fado, como as desgraçadas que o cantam, não teve berço. Mas é sem duvida a metrópole do fado.

As melhores gargantas que entoam, ao som da guitarra, essa canção fatalista que é um simbolo de decadencia, revelaram-se em Coimbra.

O fado, verdadeiramente, só se pode ouvir cantar em Coimbra. Não há no mundo nenhuma terra onde o luar seja tão doce e a atmosfera tão sensível ás vibrações duma guitarra. Os proprios choupos do Mondego têm o ar pensativo e romantico de quem ouve cantar o fado.

E até os rouxinóis, que neste mês de maio florido juntam as suas queixas de amor ao murmúrio doce da agua que corre, parece que moduam o fado em suas gargantas de cristal.

O fado de Coimbra, cantado em Lisboa, num grande coliseu, para cinco mil pessoas, não é o fado. O fado precisa de ambiente para viver, se o não tem, morre— como as sensitivas sem luz.

O espirito pratico do nosso tempo apodrou-se do fado. Fizeram do fado uma industria rentosa. Há os industriais da canção nacional, como há os industriais de conservas.

Esses rouxinóis do Mondego que cantam o fado a tanto por noite não passam de negociantes da canção nacional.

O fado é um valor de troca. Tem cotação na bolsa. Atravessamos um periodo em que as acções do fado estão cotadas na alta.

Os rouxinóis do Mondego não cantam senão a peso de ouro. Gargantas de ouro só se vendem em troca do metal do mesmo nome.

Ai, pobre rouxinol de Bernardim, que te finaste a cantar por amor! Como os teus colegas do Mondego industrializaram a profissão!

LUIS DO MONDEGO

LIVROS

Ultimamente, temos recebido muitos livros, a que iremos fazendo a devida referencia. Firmam-nos alguns nomes de amigos nossos— como António de Cértima, entre outros— que são, ao mesmo tempo, valiosos e marcantes nas letras. A todos, agradecemos as amáveis ofertas.

MANEIRAS DE VÊR



—Patrão a carta diz que deve haver terra a vista eu não vejo nada.
—Se cathar e puzer a agua está turca!

Má Língua

FAITS DIVERS...

INNOCENTES

E' scena repetida a cada passo. Buzina a imprensa coisas de espavento, e tudo fica a olhar um julgamento effectuado com grande estardalhaço.

Um bemdito furor de saneamento inunda os corações como um anádoço, nos Autos e Processos, cada massa tem o clamor de um Velho Testamento.

Reunem-se jurados; (que mais jura...) Analyzando muita coisa obscura respondem a quesitos que são ódes.

E apura-se afinal tanta innocencia que a gents chega a crer na conveniencia de que um milogje ressuscite Herodes!

COMIDAS E COMIDOS...

No Instituto Central que attentamente preside á Higiene alimentar do estado, em quasi tudo o que é analyzado se encontra a Fraude, porca ou repulente.

O vinho,— que sem uvas foi gerado, o açúcar— que tem lixo olvincente, o leite— que sem vacas se fez gente o azeite— de azeitonas ignorado;

tudo isso a gente põe sobre a toalha, com manteiga de sebo e pão de palha, para matar a um tempo vida e fome.

que progresso de Força e de Bilezo, se a Humanidade, inchada de espezteço, deixasse de comer tudo o que come?

O LIMOEIRO

Lí hontem um decreto em que se diz —no estylo mais conciso e mais certo, recordando argumentos por inteiro entre diluvios de razões subltis—

que a bem da gatunagem do paiz cuja s' ãlle soffre num chiqueiro, vão reduzir a cisco o Limoeiro para cortar um mal pela raiz.

Paravam lá tão pouco os criminosos e todos os gatunos audaciosos, que acho bem disculivar esta ideia!

Só se acrescenta um cruel martyrologio ficando os transeantes sem relógio e ficando os gatunos sem cadeia.

TERRAMOTOS

Diz-se que um general muito hespanhol em certos exercicios militares exhibia processos singulares de fazer evoluir tropas de escol.

Carvava os regimentos em anzel, estendia-os em linhas regulares, conquistando campinas e pomares com um denodo que espantava o Sol.

quando não o entendiam, com paladas na rija consistencia dos estradas, desabafava o grande general.

Coincidiu uma d'o um tremor de terra, curva-se o velho, e, orgulhoso, barra: «Nã) tremas, mundo! Eu não te faç) mal!»

TAÇO

questão prévia

UMA das muitas contingencias do mal regulado transitio das nossas ruas de maior movimento, um trem de luxo, aros de boiracha nas rodas, lanternas electricas, seu cocheiro e tripulante bem estalados, estaca em frente dum automovel que subia a rampa, silencioso e imponente na vastidão da sua «carrosserie» envernizada. As eguas, roliças de ancas, mordem os freios, encabritam-se, ameaçando com as patas os faroes do automovel. O cocheiro reteza as redes, hinto na boleia, não querendo perder a linha, que no incidente o tintanario se esforça tambem por manter, os olhos esgazeados a desmentir a aridez da attitude. Entretanto o «chauffeur» maneja impassivel as alavancas — crac! crac! — o carro recua um pouco, descreve uma curva airosa e «safa-se» num trepidar mansinho de motor bem afinado, deixando as eguas escovando o pavimento e o cocheiro numa grande atrapalhão de redes e pingalim.

este banal episodio de rua marca-se um triunfo do progresso e se a fabula fôsse um genero literário, ainda em favor dele se poderia extrair uma moralidade qualquer, na forma lapidar dos proverbios, como por exemplo: «Mais valem trinta cavalos num motor que duas eguas a puxar um «coupe».

Esta epoca de transição dos sistemas de andar de carro com a maior comodidade vai já sufficientemente avançada para que o especulaculo dum trem arrastado por dois cavalos não pareça uma autentica velharia de meu.

seu. Por mim, se ai da não troquei o «coupe» por uma «limousine» não foi por falta de vontade: foi por falta de «coupe».

E' tempo de deixar que os cavalos atinjam a perfeição social em que Guilver os encontrou, num paiz de nome arrevesado, a que o levaram as tuas aventuras e estravagantes viagens.

Dentre todos os bichos que a civilização escravizou — incluído o bicho homem — o cavallo deve ser o primeiro a colher-lhe os beneficios duma aposentação bem merecida, com a razão por inteiro.

A mecanica, mais elegante e mais resistente, substitui com vantagens o quadrupede de tin. Podem ainda os tradicionalistas nestes assuntos attribuir a uma equipagem de luxo o chic supremo e a suprema distincção. Ponham ao lado da equipagem vistosa um desses carinhos mecanicos e feitos, trepidando nervosismos de motor na impaciencia de correr, conduzam-nos a uma ladeira íngreme, dêem-lhes a largada e verão, antes de atingido o meio da rampa, a equipagem ficar para traz e o carrinho a galgar a distancia, com muita poeira, muito mau cheiro, mas uma marcha muito certa. E na vida, meus senhores, não é conveniente ficar para traz, nem mesmo indo dentro duma cartuagem á Daumont...

A viação mecanica, segundo a teoria dum antigo cocheiro da casa real, trouxe até profundas modificações á organização politica dos Estados. Segundo esse velho «servidor de reis,

ECOS

Ciganos

Ciganos, ciganadas, ciganices... Tudo sinimos de gente indesejável, de processo pouco escrupulosos. E vá de correr os cigano sem eira, nem beira, nem pátria... E vá de meter vinte e três, num calabouço da esquerda das Mónicas. E ali estão, á espera que lhes deem destino, que os afastem desta população innocente, de puros idealismos sociais...

Ciganos...? Mas ciganos encontra a gente a cada passo, nesta maré alta de impudor que alastra pelas sociedades incivilizáveis, como a nossa, por exemplo... Quem é mais cigano o que faz trocas e baldrocas nas feiras de cavalos, ou o que empunha uma pena e mente impudicamente, a milhares de pessoas para quem a letra redonda ainda tem prestigio? Como era facil provar que nem todas as esquadras de Portugal chegavam para todos os ciganos de Lisboa!

Vinguemo-nos!

No último número felicitavamos-nos pela feliz noticia de que Nungesser e Coli, os dois célebres aviadores francezes, estavam salvos. Depois do boato d' catástrofe, vieram de victoria... Depois, veio apenas a Verdade, a Verdade que andou flutuando de boato para boato, indifferente, cruelmente ironica, enganando a confiança duma pobre naé, ludibriando milhares de corações... A Verdade, que andou saltitando entre boatos— como o avião de Nungesser sobre as cristas das ondas— era a Morte. A verdade zombou de todos nós. Vinguemo-nos da Verdade, chamando-lhe Mentira e conservando sempre vivos, em nossa admiração, os dois bravos que honraram a França e a Humanidade.

quando os coches lentos passavam nas ruas o povo tinha tempo de ver a face do seu soberano e de ajoelhar á sua passagem. Era o tempo do absolutismo. Vieram depois as cartuagens mais ligeiras. Apenas os batedores anunciavam que vinha ali pessoa real. A cartuagem passava rapida, ao trote vivo das perilhas, arrastando os reis, que o povo mal tinha tempo de saudar com um aceno de mão. Era o tempo do constitucionalismo.

Finalmente, appareceram os automoveis. Um relampago, uma nuvem de poei a: era o rei que passava. E como o povo deixou de ver os reis, esqueceu-os, dispensou-os, e as Republicas multiplicaram-se depois do invento dos moto es a gasolina.



Feliciano Santos

FATALIDADE



—Quando cessamos fomos fazer uma viagem de automovel.
—E onde passaram a lua de mel?
—No hooz itel.

HUMORISMO



Saraiva foi tomar chá a casa da Joana

Saraiva ouviu e calou. A' entrada do *faubourg* Montmartre, despediu-se de mim e mergulhou a sua alta silhueta alentejana num mar de luz que banha-

—Na vespere de se inaugurar o transitio.

O transitio marcava para Saraiva uma data, um marco miliario na vida de Lisboa.

Subimos vagarosamente o Chiado. Contou-me que estava em Madrid, onde fazia tenção de assistir ás bodas de prata de Afonso XIII com a corôa. Ainda não tinha na sua colecção de acontecimentos mundiais as bodas de prata dum rei.

Mas quando soube que se ia inaugurar o transitio no Rossio, Saraiva considerou longamente e disse para os seus botões:

—Saraiva! a tua terra progride. Lisboa caminha para a civilização a passos de gigante. O teu posto é em Lisboa.

Lisboa caminha, é certo, mas encostada a uma bengala.

Saraiva largou tudo, largou mesmo uma espanhola que lhe chamava docemente «chiquitin» e partiu para a sua terra.

E aqui temos de novo Saraiva em pleno Chiado, exalando um perfume caro, expondo aos amigos opiniões raras e sorrindo para as mulheres com um lindo sorriso *dernier cri* que trouxe de Paris.

—Foi a unica coisa que não pagou direitos na Alfandega, — dizia ele, a queixar-se do fisco—este sorriso côr de rosa-chá, que está a dar muito bons resultados em Paris.

—E que lhe parece isto, amigo Saraiva?

Isto—era Lisboa, o transitio, as ruas asfaltadas, o Chiado a transbordar de



va a fachada do *Fantasio*, onde era esperado por uma cabeça loira de *midinette*.

Scube mais tarde que não tinha regressado a Lisboa. Oito dias depois, viram-no na agencia *Cook*, onde se informava do primeiro barco que partia para o Extremo Oriente.

Quando estalou o conflito na China, Saraiva estava em Changai. Assistiu á entrada triunfal das tropas de Chang-Kai-Chek pela porta de Nankin e no dia seguinte abalou para a Mongolia, donde regressou á Europa pelo Transiberiano.

Saraiva corria infatigavelmente as sete partidas do mundo. Era o espectador certo, rigoroso, matematico de todos os grandes acontecimentos mundiais.

Reunia a Sociedade das Nações para discutir a influencia do petroleo na vida dos que não ganham nem para ele... Saraiva estava em Genebra. O principe de Galles desembarcava na Africa do Sul... Saraiva tinha chegado na vespere a Cape-Town. A Italia comemorava a marcha dos fascistas sobre Roma... Saraiva apeava-se do *sleeping*, na Cidade Eterna, e ia logo de manhã passear para a Via Apla, com um grande cravo roxo na botoeira.

Tendo herdado uma razoavel fortuna que seu pai—o pai Saraiva—fez em oleo de ricino e cataplasmas de linhaça, Saraiva espalhava largamente o seu dinheiro pelo vasto mundo, só pelo prazer cosmopolita de viajar.

Quando cheguei á fala com ele, atirei-lhe logo a pergunta sacramental e estúpida:

- Então por cá, amigo Saraiva?
- E' verdade.
- Quando chegou?



caras lindas—caras que faziam transbordo para a rua do Carmo—os automoveis que riscavam o asfalto em varias direcções, os garotos que riscavam as paredes com varios desenhos suggestivos, enfim: Sua Magestade o Progresso que fixava residencia em Lisboa, com a sua numerosa comitiva de

empreendimentos audaciosos e ideias desempoeiradas. Desempoeiradas, talvez não, porque Lisboa é a cidade da poeira. Mas pelo menos arejadas, modernas, cheirando já um pouco ao perfume cosmopolita de Madrid e de Paris.

Antes de responder, Saraiva ensimesmou-se. Passavamos em frente do Café Chiado.

- O que é isto?—preguntou.
- Um café.
- No logar da antiga livraria?
- Exactamente.
- Pois sabe o que me parece isto?

Disse com a cabeça que não sabia. Saraiva estacou, como tinha estacado outrora no *boulevard*, riscou com a bengala um traço no passeio e deixou cair dos seus labios tremulos estas palavras textuais:

—Isto parece-me a casa da Joana.

Disse-lhe que não tinha o prazer de conhecer a Joana, que nunca tinha estado em casa dela, e Saraiva explicou-me então:

—A Joana era uma virtuosa matrona que vendia peixe na Ribeira Nova. Não sei se V. sabe que a vender peixe fazem-se fortunas. Pois Joana vendia peixe...

Eu atalhei, com pretensões literarias: —A outra, a de Bernardim Ribeiro, guardava patos...

—Bem sei. E a de Almeida Garrett tinha os olhos verdes... Pois a minha Joana vendia carapau. E a vender carapau, acabou por comprar um palacete nas Avenidas Novas. Chamou artistas, mobilou, envernizou, estofou, pintou, decorou e por fim instalou-se. Estava tudo a seu gosto. Tinha sido tudo feito da maneira que ela desejava. No dia da inauguração, ofereceu um chá ás pessoas das suas relações. Eu era uma delas. Joana tinha sido durante muito tempo a minha peixeira. Fui. O meu amigo não imagina o que era a casa da Joana! Não havia um movel que estivesse no seu logar. Não havia uma cadeira parecida com outra. Não havia um traço de harmonia naquele charivari decorativo, encomendado a seu gosto por uma antiga peixeira da Ribeira Nova. Era assim a casa da Joana.

E á porta da Garrett, Saraiva despediu se, com este comentario breve e fulgurante:

—Isto ainda cheira a peixe, meu amigo.

Passava uma demi-mundana, que entrou a tomar chá.

NORBERTO LOPES
MUITA PRESSA



—A senhora está?
—Se a quere vêr, suba depressa. De aquí a 'bocado vai a enterrar-se...

PREVIDENCIA



—O GATUNO.—Para cá as curatrinhas com a pressa...
—UM DOS AMIGOS PARA O OUTRO.—Antes que me esqueça, toma lá os 100 mil reis que me emprestaste há dois mezes...



Curiosidades

O DOMINGO
ilustrado

OS SUICIDAS DE BUDAPEST

Recentemente, a policia de Budapest recebeu uma carta anónima, onde lhe participavam a existência dum «club» para a propagação do suicídio. Essa agremiação teria numerosas ramificações; as sessões teriam lugar uma ou duas vezes por semana, em diferentes locais, onde se fariam conferências e discursos exaltando as virtudes do suicídio. O autor da carta, evidentemente uma mulher de sociedade, afirmava que, inadvertidamente, se fizera sócia desse «club», acrescentando que contava, dentro em pouco, poder revelar á policia a sua identidade. Apesar de crer que se trata duma mistificação, a policia de Budapest iniciou as suas investigações, tanto mais justificadas quanto é certo que nessa capital o número de suicídios tem aumentado assustadoramente, havendo-se registado vinte e um, apenas durante os três primeiros dias do mês de Janeiro.

A QUADRATURA DO CÍRCULO

O problema da quadratura do círculo consiste em encontrar um quadrado cuja superficie seja equivalente a um círculo.

Sabe-se, desde a Antiguidade, que a superficie do círculo é expressa pelo quadrado do raio multiplicado por um número constante, que é a relação entre a circunferência e o diâmetro, relação representada por uma letra grega que se lê *pi*. O problema consiste portanto em encontrar o valor exacto—mas duma exactidão absoluta e mathematica de *pi*. A solução do problema é mathematicamente impossível, como o demonstrou Lindeman, na Academia das Ciências de Paris, em 1882. Mas já desde 1775 que esta agremiação, depois de apreciar um relatório de Condoreet, declarou que não examiniaria mais qualquer tentativa de solução a respeito da quadratura do círculo, da triseccão do angulo, da duplicatura do cubo ou do moto-contínuo. Na sua «*Histoire des recherches sur la Quadrature du cercle*», o mathematico francês Montluca (1725 1799) afirma ironicamente que essas pesquisas e as demonstrações referentes á famosa questão da quadratura se faziam quasi sempre na primavera, época do ano em que os casos de loucura são mais frequentes.



Singer
Ultimos
Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA COSTURA, MOTORES ELECTRICOS DE FACIL APLICAÇÃO A TODAS AS MAQUINAS

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61 e em todas as filiais e agentes.

Cosulich Line

Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª

Quem inventou o fonógrafo

POUCAS invenções revestem, perante os espiritos incultos, um caracter mais misterioso, mais milagroso, do que a do fonógrafo. O cinematógrafo, o telefone, as maravilhas da electricidade aplicada, a própria telegrafia sem fios, podem causar espanto, mas não impressionam, não tem tanto o ar de «bruxedo» que assume esse fantástico assombro de, por meio duma agulhinha inclinada obliquamente, fazer acordar palavras pronunciadas a grandes distancias de espaço e de tempo. Deixemo nos de cousas, mas para quem nunca manuseou tratados de fisica é caso para deslumbramento e um quebracabeças magnifico!

E' corrente dizer se que o inventor do fonógrafo foi Thomas Alva Edison, o genial fisico americano cujo nome anda ligado a várias das mais notáveis applicações da electricidade. Qualquer enciclopédia atribui a Edison a prodigiosa invenção. Os francezes, porem, procuram actualmente repôr as cousas no seu verdadeiro pé e fazer reverter a glória do invento sobre o seu compatriota Charles Cros, nascido em 1 de Outubro de 1842, em Fabrezan (Aude).

A 30 de Abril festejou-se em França o cinquentário da data (30 de Abril de 1877) em que Charles Cros entregou na Academia das Ciências de Paris um envelope fechado contendo a minuciosa descrição dum aparelho destinado «a registar e reproduzir as vibrações acústicas». Charles Cros era filho dum professor de filosofia e, devido á sua notável intelligência, ponde terminar aos catorze anos o seu curso secundário. Passou a frequentar o Colégio de França, evidenciando-se nos estudos de hebreu e de sânserito, tendo então por discipulo o célebre filólogo Michel Bréal, e depois membro do Instituto, e criador da semântica, sciencia a fim da Filologia, que tem por objecto o estudo da variação no sentido das palavras.

Charles Cros, apesar das suas tendencias literarias e de ter sido um poeta apreciavel, abordou os problemas scientificos mais variados, entre outros o da fotografia a cores (sendo o inventor do método da tricomia ainda hoje empregado).

Aos trinta e cinco anos julgou, e com toda a razão, que fizera uma descoberta importantissima, a do tal aparelho registador e reproduzidor de sons, a que poeticamente deu o nome de *paleofono* ou «voz do passado». Como poeta que era, não tratou de salvaguardar os seus direitos de inventor, tirando a necessária patente, e limitou-se a descrever a invenção, sob o título de «*Processo de registo e de reprodução dos fenomenos apercebidos pelo ouvido*», e a entregar essa descrição, dentro dum envelope fechado, na Academia das Ciências, que só o abria a seu pedido. Só sete meses depois de ter entregue essa descrição, só a 3 de Dezembro de 1877, Cros pediu para a Academia tomar conhecimento dela. A invenção estava muito bem descrita e não devia deixar dúvidas sobre o seu valor pratico, mas Cros não conseguiu que alguém se interessasse por ela, á excepção dum seu amigo, o Padre Lenoir, que, sob o pseudónimo de Le Blanc, publicou um artigo a seu respeito, no periódico «*La Semaine du Clergé*», em 10 de Outubro de 1877, isto é, antes da Academia tomar dela conhecimento. Foi o Padre Lenoir que encontrou a palavra *fonógrafo* para designar o instrumento inventado.

Cros via que todos o tratavam como um idealista, um boémio. Dirigiu-se ao construtor Breguet com os seus planos e desenhos, mas, depois de o fazerem esperar indefinidamente por qualquer resposta, afastaram-no como um importuno, dizendo lhe que «pessoas de grande categoria estavam presentemente fazendo pesquisas no mesmo sentido». Essas pessoas seriam Edison e os seus colaboradores? E' possível, pois que o grande inventor, ao tirar, em 19 de Dezembro de 1877, a patente respeitante a uma invenção relacionada com fenomenos eléctricos da telefonia, faz já menção á sua descoberta do fonógrafo.

Em 15 de Janeiro de 1878, Edison tira então a patente deste último invento, que consistia em ter encontrado «os meios de registar em caracteres permanentes os sons emitidos pela voz humana falando e cantando, os emitidos por instrumentos de música, pássaros, animais, etc, e quaisquer outros sons, assim como os meios de reproduzir esses sons no momento desejado». A 11 de Março de 1878 fazia-se ouvir, na Academia das Ciências de Paris, o primeiro fonógrafo, aparelho rudimentar que pesava 50 quilos, o qual registou e reproduziu duas frases pronunciadas pelo representante de Edison. Este mostrava bem que era um americano: recorreu logo á exemplificação, ao lado pratico da sua invenção. Cros estava definitivamente vencido! Não inventou mais nada. Escreveu um livro de poemas—«*Cofre de sândalo*» e morreu, como todo o poeta que se prezava, numa quasi miséria, em Paris, no ano de 1888. Na casa onde faleceu vai agora ser colocada uma lápide, por iniciativa da «Camara sindical das maquinas falantes». Um seu filho, Guy Charles-Cros, é tambem poeta notável, ainda vivo.

A descoberta de Cros aperfeiçoa-se todos os dias e breve chegará o momento em que dela se tire o maior proveito pedagógico. O fonógrafo está destinado a matar a impressão de obras musicais em caracteres só accessíveis aos músicos e inexpressivos, sob o ponto de vista do aspecto, côr, movimento e ritmo exactos duma página musical. Em breve, haverá «*discotecas*», como há bibliotecas. Do gramofone fanhoso e constipado (do «gramofone-gramação») ao aparelho que nos traz a casa a voz de Caruso e o violino de Paderewski, que imenso e luminoso caminho andado, caminho onde deve lêr-se, a cada passo, o obscuro nome de Charles Cros!

AS PRIMEIRAS NOTAS BANCARIAS

Os primeiros vestígios de notas bancarias datam do reinado do imperador chinês Ou-Ti, cento e dezanove anos antes da nossa era. A emissão de notas era um meio simples e effiz de remediar a falta de dinheiro no tesouro imperial. Permittia restabelecer o equilibrio nas finanças do Estado e baseava-se na «Confiança» que ao publico mereciam os recursos do erário imperial. Da palavra latina que significa confiança (*fiducia*) vem a expressão «circulação fiduciaria».

As primeiras notas de banco eram feitas de pele de gamo e ornamentadas com desenhos; circulavam pouco, e principalmente entre os nobres da côrte.

SOLDADURA DE VIDRO

A soldadura do vidro faz-se hoje tão facilmente como a de dois pedaços de metal. Há duas ligas empregadas na soldadura do vidro: a primeira compõe-se de 95 partes de estanho e 5 partes de zinco (funde a 200.º); a segunda compõe-se de 90 partes de estanho e 10 partes de alumínio (funde a 390.º). Empregam-se dois processos, na soldadura. O primeiro consiste em aquecer as duas partes de vidro que é preciso unir, esfregando depois a superficie de ligação com pau de solda. Quando a liga escorre, é distribuida uniformemente com uma lâmina de alumínio. Apertam-se depois as duas partes, comprimindo-as fortemente uma contra a outra, e deixa-se arrefecer. O segundo processo consiste em utilizar o ferro de solda ou um ferro analogo, aquecido pelo carvão, gaz, ou chama de petróleo vaporizado. O ferro quente passa sobre o pau de solda e, em seguida, sobre as partes que se devem soldar. E' preciso nunca deixar que o ferro ou o vidro se elevem a uma temperatura superior á do ponto de fusão da liga, para evitar a oxidação dos metais, que não deixaria fazer a aderência.

A. CRUZ L.ª

R. DA MADALENA, 29, 2.º — LISBOA

Telefone C. 1143

Armazem de productos quimicos e especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras

GASES E ALGODÕES

ARTIGOS DE BORRACHA E UTENSILIOS PARA LABORATORIOS E CIRURGIA

Fornecimentos completos para Farmacias e Hospitais

Importação directa

Casa Pekin

Especialidade em CHÁ e CAFÉ

As melhores qualidades aos melhores preços.

321, Rua dos Correios, 323 (quasi em frente da Igreja de S. Domingos)

Telefone 2878 N.

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RÓCIO É FAZER UM ANUNCIO QUE A LISBOA TODA VÊ

Franzini & C.

146, R. AUGUSTA, 148
TELEF.: C. 1646 - LISBOA

CANDIEIROS EM TODOS OS ESTILOS
BANHEIRAS, ESQUENTADORES E ARTIGOS SANITARIOS

O DOMINGO
ilustrado

TEATROS



lá por dentro

Desconcertou-se no Norte a Companhia Il-d-a Stichini-Alexandre d'Azevedo. Foi na sexta-feira o ultimo espectáculo, com a «Lour-des». A peça, com que terminou a temporada não operou o milagre da reconciliação dos interesses artisticos. E' pena...

— José Climaco vai para o Coliseu dos Recreios com as suas revistas, incluindo o «Caz de Morangos». Veem muito a proposito uns «morangos» após todas estas «reviravoltas... São a fructa da epoca.

— Surgiu a «Mouraria...» Nasceu logo o «Bairro Alto» e vamos ter a «Alfama» e a «Madragoa». Para o Gymnasio foi o «Perigo Amarelo...» Já se anuncia uma revista de Avelino de Souza e Antonio Torres, «Pagode Chinês»

— Vamos ter uma nova parceria de seis autores para a fabricação de revistas. Por este andar, teremos em breve uma companhia, uma confederação, um «trust» de revistogra-o...

CARTAS DE UM COMEDIANTE
ADAPTAÇÕES DE RO-MANCES

MON COEUR AU RALENTI, DE DEKOBRA. NÃO AGRADOU

Maurice Dekobra, cujos livros acabam de ser prohibidos na America do Norte, não se sabe bem porquê, extraiu do seu famoso romance «Mon Coeur au Ralenti», uma peça de teatro. 3 actos e 5 quadros que Jean Worms, Germaine Dermoz, Alcover e Koval representaram nos Bouffes Parisiens a semana passada.

Os livros de Dekobra, de tão divulgados, dispensam-nos de contar o enredo aos leitores, tarefa não muito fácil, tal o emaranhado de episodios com que Maurice Dekobra faz super-civilizados romances de aventuras.

Ora os episodios de «Mon Coeur au Ralenti» precisariam de vinte ou vinte e cinco quadros para que a peça pudesse exercer interesse no publico, diz u n crítico.

Não é pois aos cinco quadros dos Bouffes Parisiens que se pode chamar adaptação de um romance.

Faltando a acção, recorre-se ás explicações, ora demasiado longas ora insuficientes.

«O interesse de um romance depende de elementos bastante diversos. O teatro vive quasi que exclusivamente da emoção ou do riso. E nem o riso nem a emoção podem ocupar grande logar numa obra como «Mon Coeur au Ralenti»

Enfim, se não fóra a nota pitoresca dos costumes amer canos que Dekobra soube gravar com scintillação, se não fóra o renome do autor, a reedição super-civilizada do distante romance-folhetim, o publico parisiense tinha pagado a peça.

Mais ou menos o que se deu com «Mon Coeur du Ralenti» repete-se em quasi todas as adaptações de bons romances. E se são feitas pelo proprio autor, ele perde o senso critico que é necessario para aclarar todas as situações obscuras, imprecisas do romance, pots familiarizari-ou-se com os seus personagens. Por outro lado, os tres actos de uma peça não coofeem a amplitude em que se estende a novela escrita.

Podia aplicar-se a este caso das adapções de romances o que disse alguém das peças de tese: «São sempre teses más e más peças...»

CARLOS ABREU

O VOSSO RETRATO

Procurai sempre um bom fotografo. A Foto America melhor do que qualquer outra vos pode servir. R. Registo Civil, 6-1.º e 6-A, loja. Telefone 3029 Norte.

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Films de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultima-mente grandes transformações na sala e dependencias, de forma a torná-la a preferida do publico.

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O pae dos cinemas lisboe-us. Otimos films, sempre variados e para todos os paláres do publico. As grandes produções de aventura. Preços em concorrência. Amplissima e elegante sala.

A questão dos originais

TENHO pelos dramaturgos portugueses uma simpatica indulgencia. Hontem como hoje, nunca a minha pena negou um adjectivo justo. Do combate passei a analize. Perdi, propositadamente, em violencia, para ganhar em serenidade. Tenho assistido á renovação finalistica do teatro portuguez. Dou-lhe o meu aplauso. Pena é que as palavras que se tem escrito tão sensatas, mesmo dentro do seu exagero, não correspondam da parte de muitos a uma acção dramatica, de facto.

Não julgo que o nosso teatro tivesse enfraquecido tanto, que necessite da protecção que um recente decreto, muito discutido, lhe outorga com liberalidade. Não maculemos o seu prestigio. Uma peça não se impõe por uma lei; impõe-se pelo seu valor. Muita coisa se tem representado, em Portugal, num ambiente de carinho, de sollicitação e de amizade. Mas nem assim se tem defendido. Haja em vista o que foram as epocas do Teatro Nacional, quando era obrigação da empresa que lá funcionava, montar quatro originais, na mesma epoca, referendadas por um conselho de exame, onde a critica estava representada por um unico membro. A casa de Almeida Garret era o escadouro oficial da produção dramatica. O estado dava-lhe um subsidio. Havia outras vantagens. Apesar disto, rara era a peça que vingava. Por culpa da critica? Do publico? Não! Dos autores, que não correspondiam ao obectivo do teatro portuguez, dando-lhe o seu verdadeiro ambiente, a sua côr propria, os seus assuntos predilectos. Uns buscavam em Ibsen—reflexos duma filosofia nebulosa, que não podiam realizar senão com palavras; outros espreitavam a historia, emprestando-lhe a grandeza dos seus versos, belos para leitura, mas fracos para realizações scenicas; outros ainda atacavam assuntos já esboçados vinte e trinta anos atraz. O publico fugia-lhes não compreendendo ou compreendendo mal. O teatro popular—estilizado e observado por uma visão superior, que fuja o mais possivel da objectiva exata—estava e está ainda, longe do seu desenvolvimento integral.

E tanto isto é certo, certissimo, que na epoca transacta, dos varios originais que apareceram, no teatro de comedia, um unico se afirmou e venceu—o «Caso do Dia», de Ramada Curto. Citando o, prova-se que a critica nunca negou valor a uma peça. O esforço dos dramaturgos deve dirigir-se, em sollicitação e entendimento, a certos empregarios. Não são as criticas feitas ao teatro estrangeiro—caso unico no mundo!—que salvam o nosso teatro portuguez.

Ele tem forças para triunfar. Levantemo-lo todos, mais ainda do que até aqui—embora não o reconheçam.

ARTUR PORTELA

GAZ E ELECTRICIDADE

LUSTRES E CANDIEIROS, CHEGARAM LINDOS MODELOS
Banheiras de ferro esmaltado — Instalações electricas, campainhas e telefones. LE TORRIDE; o melhor esquentador automatico para banho (Depositarios). Instalações completas de casas de banho — LOUÇAS SANITARIAS.

BICO NACIONAL AUREO, L.ª

(Não confundir com o Bico Auer)

R. 1.º DE DEZEMBRO, AO ROSSIO, 33, 35 e 37—Telefone: Norte 3047

S. Luiz Pollteama Trindade Avenida Apolo Eden Varieda- Salão Foz des

A unica grande companhia de opereta portugueza, sob a direcção do mestre-primeiro «metteur-en-scene» do teatro musicado, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Amadeo de Oliveira, Vania Saniana, Aldina de Souza e o barbaresco brasileiro Elyls Vieira que tanto cito já alcançou. A maior sala de espectaculos de Portugal, Bairro Alto soberba suntuosa.

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia esplendida com os nomes de Nascimento Fernandes Rafael Marques e Conchita Ulla, grande estrela de «varietés». Actualmente, a opereta sem musica, cheia de verve: «O turco do Kalbariz»

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuamos. A grande Lucilla, com Erice, Almada, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura de mais difficil repertorio internacional.

Companhia Satanela-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico. Alem de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que reúne o encanto duma mocidade fresca «a-cito» parisiense do seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites «O Bom Ladrão»

Encerrado temporariamente

Brevemente companhia Almeida Cruz com a revista «Cosido á portugueza».

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e drama. Exitos, «lounées» triunfais a estarem o grande merito neste conjunto. Theatre elegante do Parque Mayer. Actualmente «Sagrada familia».

A revista «Secretario dos Amantes» com o quadro novo de grande successo «Triste Fado» desempenhado por Hortense Luz e Adebna Fernandes.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

F STAVA já preocupado com a demora do meu amigo Malaquias que devia ter chegado do Porto ás seis e pico e não havia maneira de me aparecer em casa.

A fome apertava, o jantar arrefecia e o relógio dava as 22 horas de acordo com todos os estômagos da família que também já estavam a dar horas, desesperada e ferozmente.

Um parente, convidado para jantar e já cambaleante de fraqueza, era também de opinião que não devia esperar-se mais. Fatalmente, ou o meu amigo perdera o comboio ou se perdera no caminho, por já não vir a Lisboa há muito tempo.

Eu aprovei logo, satisfeito com tal unanimidade de opiniões que me facilitava a decisão.

—E demais—acrescentei—você está cheio de fome. A sua palidez demonstra bem a sua debilidade. Vamos portanto ás sopas. Você está já com aspecto de quem não come há 8 dias. Parece o lord de Cork...

—Não estou ainda de côcoras, mas confesso que já não me posso ter nas pernas,—fez ele desfalecido.

Avançámos para a meza com «entrain». Veio a sopa. Mas quando antegozava já as delicias da 1.^a colher, um toque de telefone suspendeu-me o gesto delicado. Deixei a família no ataque ao 1.^o prato e fui contrariado ao aparelho.

Surpreendido reconheci a voz do Malaquias:

—O' diabo e nós á tua espera! Estás ainda no Porto?

—Antes estivesse. E se tenho adivinhado o que me ia acontecer, nem tinha vindo.

—Mas o que foi? Estás ferido? O que te aconteceu, homem? Algum desastre? Onde estás tu? Nalguma farmacia?

—Isso sim...
—No hospital?!...
—Tambem não...
—O quê, já estás na Morgue!!?...
—Não, homem. Estou no Metropole do Rossio...

—Ora ainda bem; mas que susto me pregaste. Mas que ideia foi essa do Hotel. Ora tu sempre tens cada uma! E nós aqui em cuidado, á tua espera...

—Mas então imaginas que estou aqui por gosto? Essa agora! Se me tens avisado das dificuldades que teria para chegar a tua casa, nem me tinhas apanhado cá.

—Dificuldades? Mas que dificuldades?

—Sim, como queres tu que eu vá para aí, para o Almirante Reis, sem atravessar o Rossio?

—Mas porque não has-de atravessá-lo?

—Isso tambem eu queria. Olha, vem cá tu visitar-me, se és capaz. Dou-te um dôce. E olha que o de hoje, aqui, ao jantar, não era mau.

—Mas então o que foi, o que te aconteceu?

—Olha, para te dar uma ideia dos tormentos que passei, basta dizer-te que pela 1.^a vez na minha vida, ou

melhor pela 1.^a e pela 2.^a, já hoje fui preso 2 vezes...

—Mas tu não eras desordeiro! Como é que mudaste dessa forma?

—Eu não mudei. Vocês é que andam sempre a mudar tudo; os habitos, os regulamentos, as posturas; e depois, é claro, quem não estiver prevenido vê-se grego. Logo ao sair da estação,



O Sr. está preso.

extranhei a abundancia de policiaes.

Mas quando cheguei ao Gelo, caí-me a alma e a bagagem aos pés. Era tal a quantidade de policiaes, cabos, chefes e officiaes do exercito a pé e guardas republicanos a cavallo, que eu disse logo para comigo: Bonito! Temos nova bernarda. Caí como a sopa no mel, não haja duvida. Ou melhor, vou sair daqui numa sopa, se começa outra vez aquela chuva de metralha do costume. Mas ao mesmo tempo extranhei a tranquila serenidade da multidão apinhada nos passeios. Nisto ouvi apitos. Empalideci. E' agora. Mas só de vez em quando um magote de gente corria apressado duns passeios para os outros. Que diabo! Os apitos e a gente a correr, era sinal de alarme; mas o panico costuma ser geral; o panico assim por conta-gotas, a prestações, não podia ser. E' que vai passar algum cortejo—disse ainda; e esperei. Mas não passava nada e os policiaes continuavam a gesticular e a apitar. E olha que estive assim um bom quarto de hora perplexo, em conjecturas. Estaria toda aquela gente com receio de escorregar no pavimento molhado, ou a tomar balança para a travessia. Mas com tantos apitos? Teriam antecipado o Santo Antonio? Ou por uma destas madurezas colectivas, estariam ensaiando alguma quadrilha colossal de passeio para passeio? Mas tudo isto me parecia inverosimil e fosse o que fosse, como o seguro morreu de velho, decidi-me a atravessar quanto antes, a fim de me dirigir prudentemente a tua casa.

A ditadura do "casse-tête"

Pagina emocionante em que se demonstra como certa postura de três assobios pode deixar os incautos a apitar.

Mas um guarda suspendeu-me logo a deliberação, pondo-me diante do nariz uma especie de vela de stearina, e desatou a apitar como um danado.

Receiando que estivesse pedindo auxilio contra mim, safei-me logo e fui atravessar mais adiante. Mas outro guarda cheio de estrelas, divisas, bandeiras e braços de varias côres, novamente impediu a minha inocente pretensão. Já muito arreliado com a historia, tentei mais adiante a travessia. Porem outro policia de mau modo declarou que não podia ali passar.

—Mas eu tenho que fazer e tenho pressa, teimei, já farto de impedimentos,

—Por aqui não pode andar, retorquiu inflexivel.

—O' Sr., mas se não posso andar na rua, como hei de ir para o outro lado?

—Já *le* disse, por aqui não se pode atravessar. Aqui não pode andar ninguém. Agora só se pode andar nas paragens dos electricos.

—Andar nas paragens? O' Sr., mas isso é um paradoxo!

—Um para quê?

—Já disse e repito, um paradoxo.

—O Sr. está preso. O' 1005 leve este homem para o Nacional.

—Para o Nacional? Mas que ideia! Eu nunca tive geito para representar,



...escorreguei e estendi-me com as malas...

Isto é uma violencia! Demais, eu nunca estive no Conservatorio...

—Deixe-se de conversatorio e ande lá p'ra diante...

Então um cabo aproximou-se para saber do ocorrido.

—Foi este homem que insultou o 1003.

—Perdão, eu não insultei, eu ia apenas atravessar para o outro lado...

—Então o Sr. imagina que isto de atravessar para o outro lado é assim

como cada um quere e quan... Pois está muito enganado...

—Mas é que tenho pressa...

—Pois se tem pressa vá andando...

—Ora é precisamente o que eu pretendo...

—Venha cá, venha cá... vá andando mas lá por outro lado; por aqui não pôde passar assim, sem mais nem menos...

—Mas eu estou disposto a tudo. O que é preciso fazer? Um requerimento? Um memorial? Um atestado que garanta de necessidade da travessia?

—O Sr. só pode atravessar quando o mandarem...

—Essa agora! Mas se fôr uma coisa urgente?

—E' o *mêno*.

—Se fôr um caso de aflicção?

—Se estiver afiito, vai ao Governo Civil, procura o comandante, explica-lhe tudo isso, apresenta testemunhas que o provem, dá o seu nome, a sua morada, filiação, etc. e depois espera que ele telefone aqui para o posto do Nacional a dar ordem para o Sr. atravessar, percebeu?

—!! Essa é de cabo de esquadra!!!

—O Sr. está preso...

—Outra vez?

—O' 1005, leve este homem ao posto...

—Vou levar-me, mas nisto apareceu um chefe redentor.

—O que foi isto?

Explicaram-lhe; eu expliquei-me; chefe então, magnanimo, inquiriu:

—O Sr. donde vem?

—Venho do Porto.

—Ah! Não conhecia estas ordens de cá?

—De cá só sabia das desordens.

—O Sr. não é daqui?

—Não Sr. sou de Aldela Galega...

—Já podia ter dito. O' 1005, deixe ir embora, que é estrangeiro.

Finalmente, com um suspiro de alívio, embrenhei-me outra vez na multidão. Mas pareceu-me logo ouvir chamar. Voltei-me. Era o chefe, o cabo e o 1005 que me diziam:

—Olhe, passe agora; passe agora nesta aberta, mas depressa, depressa, despache-se...

Atarantado, avancei com a bagagem, mas com a precipitação, a confusão dos toques dos apitos, a multidão que corria apressurada, escorreguei e estendi-me com as malas, diante dum esquadra de automoveis buzinando, resfolegantes e parados á ordem dum sinaleiro.

Levantei-me aturdido, reuni rapidamente o recheio entornado da bagagem e voltei para traz num desalento. Ainda lá me ficaram espalhados alguns pares de peugas, varios lenços, colarinhos e outras peças meudas a que a pressa me não permitiu deitar a mão.

E agora, meu caro, já ninguém me arranca do Hotel. D'aquí só p'ra estação.

—Ora que ideia! Deixa-te disso. Olha, af pela madrugada ha menos movimento, podes atravessar; passa-te para este lado e vem cá ter. Eu cá te espero. Olha toma um taxi de *palhinha* que é mais rapido.

—Não, meu velho. Agora só quando

UMA NOVELA SENTIMENTAL
COMPLETA

Aquela manhã, no
Sanatorio da Guarda...

Admiravel pagina descrevendo
um caso verdadeiro, que dava
um romance chulo de beleza e
de imprevisto e onde passa o
drama de dois politicos portu-
gueses muito conhecidos...

Então, pondo o chapéu na cabeça, o presidente disse:

— «Meus senhores, depois de amanhã é a véspera do Natal. Estão interrompidos os trabalhos até depois de ferias...»

Na véspera do Natal tinha chegado muita gente.



A discussão atingiu o auge...

Os hotéis da Guarda estavam cheios. Eram famílias, eram noivos, eram amigos. E' que o Sanatorio nesse fim de inverno transbordava. Eram as largas galerias de III classe cheias, voltadas ao nascente, expondo á luz clara e nebulosa dessa manhã os corpos maguados dos doentes. Era depois a II classe melhor, já com estofos e almofadas, diante da neblina da serra, expondo os peitos doentes á acção pura daquele ar tenuissimo e subtil, que desinfecta e cura.

Era por fim, envidraçada e rica, a galeria especial de cura, onde as pequenas mesas peçadas de illustrações e romances davam já uma nota de confortavel intimidade.

E, na suavissima poalha prateada dessa manhã de inverno, contra a luz fosca coada pelo vale imenso do Mondego, um par, sentado nas longas cadeiras de cura, conversava...

Dir-se-hiam noivos. Ela, talvez 18 anos, era loira, fria, delgada, grandes olhos azues e macios, olheiras doces, e um largo bandó dourado sobre a bela testa veneziana e forte.

Fle era moreno, triste, daquele olhar

sensual e persuasivo dos arabes do sul.

Tinhm entrado no Sanatorio quasi no mesmo dia:

Quarto 22 ella... Ele quarto 23... E tinham ficado logo amigos na primeira tarde monotonica, a olhar o cair triste do sol sob as ramarias baixas do bosque. E assim foi todos os dias. Sonhavam um pouco os dois, alto, como amigos, como irmãos, talvez momentos como amantes, mas amantes dolorosos ante a miseria triste da carne.

Não se tinham interrogado sobre as familias e sobre a vida anterior áquele encontro. Havia um pudor e um misterio encantador em falarem apenas da doença, da vida, das viagens. Evitavam discutir fôsse o que fôsse, com um grande medo de perturbar, mesmo ao de leve, aquela amizade pura como o ar da serra, generosa como deve ser a convivencia sobrenatural e eterea dos anjos, alguma coisa de celestial e tranquillo, sem paixões nem exigencias, vida toda de perdão e de amor...

Na gare do Rossio, o ministro notou logo que não havia só os seus amigos politicos a despedirem-se. Tambem do outro lado, na ultima carruagem de L., gente da opposição formava alas. Alguem que partia para ferias...

Só ao almoço se viram no vagon-restaurant. Seguia já o comboio entre os choupos nostalgicos de Coimbra.



Eram os melhores amigos deste mundo...

bra, quando os dois — ministro e «leader» socialista — se encararam. O seu olhar duro não se encontrou. Começaram pouco, frente a frente, em silencio. Dir-se-hia que uma mesma tristeza lhes tolidava o olhar. Depois, os dois inimigos, esses homens que se

haviám degladiado horas antes, com as maiores invectivas, aggressivas e brutais, separaram-se com um ligeiro cumprimento.

O ministro voltou ao seu compartimento. Desdobrou algumas cartas. Havia uma, em papel violeta, onde uma letra esguia de mulher escrevia, um pouco tremula: — «Passo melhor. Não imaginas como estas noites sossegadas me fazem bem. Falta-me apenas saber que estás bem e essas coisas horribéis da politica não te mortificam muito. Tu vens no Natal, com certeza. Não falties. O meu companheiro de galeria é a minha distracção. Ele e a lembrança querida de ti. Meia cura devo a no entanto á sua convivencia, tão boa, tão resignada, que sinto que tudo o mais alem de ti e dele nada vale...»

O «leader» socialista tinha nas mãos os jornais, mas dormitava. Quando o revisor lhe pediu o bilhete, um postal caiu-lhe da carteira. Dizia assim: «Pai querido. Um grande abraço meu e dela, até breve, teu Z.»

Simetricamente, tragicamente, como dois comparsas duma dolorosa farça, o ministro e o «leader» socialista subiram a escadaria, a par.

A mesma dura razão lhes curvava as frentes pesadas. De revez, os seus olhos cruzaram-se...

Foi um grande alvoroço quando começaram a entrar as visitas.

Havia lembranças, presentes, esperanças em olhos tristes e algumas flores a sorrirem por entre pequeninos embrulhos de guloseimas.

Algumas crianças recebiam brinquedos — que todos ali são crianças um pouco.

Eles estavam na galeria quando os dois politicos entraram, correctos, secos, nos seus fatos negros de cerimonia.

O primeiro momento foi de abraços. O rapaz beijou muito e abraçou aquelle pescoço sanguineo, forte, do «leader» socialista, e a rapariga encostou, no peito do ministro, o seu lindo rosto palido.

— Ah! São amigos, disse o rapaz. Que coincidência, o seu pai e o meu conhecem-se! Veja você o que é o destino. Por isso nós, nesta solidão, deviamos ser bons amigos. Fizeram a viagem juntos, hein? Que lindo deve estar esse Mondego por aí abaixo!

— Que lindo! disse ella...

E, nessa noite, ao sairem do Sanatorio as visitas, houve dois homens que choraram, abraçados, lagrimas de desgraca.

Era um ministro democratico e um «leader» socialista — eram dois pais...

O REPORTER MISTERIO

AUGUSTO CUNHA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O MINGO ilustrado

VIARIA

MOINHO DE PACIENCIA

CRAZ PALAVRUCRUCADAS

Seccao dirigida por ORDIGUES

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta seccao deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA DE PEDRO DIAS, 15 4.º-ESQ. LISBOA

N.º 12 4.ª SERIE

SECCAO CHARADISTICA SOB A DIRECCAO DE CARLOS RODRIGUES ORDIGUES (da T. E.)

22 MAIO 1927

APURAMENTO DO NUMERO EXTRAORDINARIO

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINCCAO

Em virtude de serem todos os trabalhos da mesma autoria não houve votacao.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

EDIPO (da T. E.), DITE, AFRICANO, D. GALENO, DROPE, HOPE. Com 16 decifracoes (totalidade)

QUADRO DE MERITO

EURISTO (11)

OUTROS DECIFRADORES

VASCO DIAS, ORLANDO-O-PALADINO (1)

DECIFRACOES

1—razeira, 2—agido, 3—despenado, 4—liquido, 5—confugido, 6—ma-rez, 7—syllogisticado, 8—reinado, 9—recoirido, 10—naufragado, 11—saraquitado, 12—luzido, 13—imprecado, 14—encaiporado, 15—acuado, 16—nagado.

PRODUCOES MENOS DECIFRADA

N.ºs 2, 3, 4, 11, e 14 com seis decifradores cada uma

DEDICATORIAS

EDIPO, AFRICANO, DROPE, EURISTO, HOPE, ORLANDO-O-PALADINO e VASCO DIAS, decifraram o que lhes era dedicado.

PREMIO

Foi ganho pelo nosso amigo EDIPO, o premio oferecido pelo nosso director DR. FANTASMA, ao decifrador que primeiro enviou a lista de decifracoes, completa e certa. Esse premio foi ja entregue ao vencedor.

Apuramento do n.º 7 (4.ª SERIE)

COLABORADORES:

QUADRO DE DISTINCCAO

RAZALAS N.º 4 5 Votos

N.º 3, de D. SIMPATICO 3 votos N.º 1, de CAMARAO 2 N.º 6, de REI FERA 1

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO D. GALENO (T. E.), DITE, DROPE, HOPE, LILI, MAMEGO, VIRIATO SIMOES, (T. E.) Com 17 decifracoes (Totalidade)

DECIFRADORES

QUADRO DE MERITO

VISCONDE DA RELVA (16), BIXO KNHOTO (14), EURISTO (12). Lisboa

OUTROS DECIFRADORES POFORONOFF, RENANDOF, SPARTANUS (5), AN-FELIO, ARTAVES (3).

DECIFRACOES

1—pacilla, 2—palémica, 3—hipponome, 4—BOLO-RENTO, 5—injectado, 6—arresado, 7—confiado, 8—reaviado, 9—empachoso, 10—antesentir, 11—prumo, 12—tortolla, 13—lambear, 14—apuro, 15—mana, 16—donzella, 17—topa carneiro.

PRODUCOES MENOS DECIFRADAS N.ºs 5 e 9 de BIXO-KNHOTO e AFRICANO com 9 decifradores cada uma.

DEDICATORIAS

HOPE, MAMEGO, VIRIATO SIMOES e VISCONDE DA RELVA decifraram o que lhes era dedicado.

CHARADAS EM VERSO

A' Ex.ª Sr.ª D. Margarida Bastos Ferreira MISS PORTUGAL (Singela homenagem de um seu irmão patrio orgulhoso da sua formosura)

1 A Lusa flor, de graça tao divina, Que o genio Ondou no mundo fez brilhar, merece, entre as estrelas, um altar, Olorificando a diva que fascina!

E' mais um Sol que a todos ilumina, Notado por seu brilho singular! — 2 Devemos sua imagem venerar, — 1 P'ra honra excoisa da nação latinal

E as massas, deslumbradas pela luz Que irradiada de ti, mulher formosa, Rainha encantadora de beleza,

Espalharão aos ventos, sempre a flux, Que a terra oculta uma vassala rosa, Bista gloria da gente portuguesa!

Lisboa

A MISS PORTUGAL

2 Quedon se o vasto Atlantico admirado. Ao ver passar a Venus Lusitana; Brilhou mais forte a luz que do Sol mana — 1 bendendo preta ao seu suor doirado!

Lá vai, ás longes terras dar o brado Da graça e da beleza soberana! Lá vai, dizer ao Mundo que se engana Julgando Portugal velha, alquebrado!

Prouvera a Deus que tu possas mostrar Lá essas terras que nos olham mal, Que a nossa velha Pátria tem grandezza — 1

Não é inutil, e ha-de perdurar Enquanto houver mulher's em Portugal, E tua coroa na terra Portuguesa!

Lisboa

A MISS PORTUGAL

CERTEZA

3 Poste eleito rainha das formosas da mais formosa terra — Portugal — e a graça do teu rosto virginal, que faz talvez inveja ás proprias rosas;

e as formas elegantes, donalrossas, do teu corpo divino, escultural, nao têm de certo, no universo, igual Pelas gentes disantes, caprichosas,

do Novo Mundo, imperatriz serás pois, aclamada; e ativa, renarás nas dançantes da Maxima Beleza,

porque levas-graciosa Margarida — 1 no teu olhar de sonno, o encanto, a vida — 1 o sol, da unda terra portuguesa.

Lisboa

N. da R.—Estas poesias foram-nos enviadas por tres nossos assiduos colaboradores, com o pedido de publicacao simultanea, e serao apreciadas por uma alta individualidade literaria, que as classificara, sendo ao primeiro classificado oferecido um premio pelos outros dois.

CHAR DAS EM FRASE

(Ao Lord da Nozes)

4 No «bordo» do jogo estão as flores e as plantas: arriga-as para aqui e ponha tudo junto. — 2 — 1 Lisboa CAMARÃO (G. E. L.)

(Ao ilustre charadista Gestroliva)

5 O confrade não dá ao manifest: na alfandega a sua mercadoria?... Cressa que será estigado sem resasso, pelo unico fiscal da fazenda. — 3 — 1 Lisboa VIRIATO SIMOES

(Ao grande aladino que dá pelo nome de Orlando)

6 Nam lugar onde se vendem objectos velhos, encontré entre outras coisas belas, dois aithos da rede sar. dinheira. — 2 — 2 Lisboa DR GRYPFO

(Retribuindo a Orimarico de Bixo Knhoto inserta no N.º 4)

7 Causa assombro a tua opiniao sobre a lãstima que foi o trabalho do arbitro. Confesso ter ficado assombrado! — 4 — 1 Lisboa VISCONDE DA RELVA

As decifracoes do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solucao do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

DECIFRACOES DO N.º 119

HORIZONTAIS.—1 calda, 2 ac, 3 leo, 4 ri, 5 rir, 6 dôr, 7 digerir, 8 ar, 9 bi, 10 ia, 11 al, 12 zona, 13 babá, 14 al, 15 li, 16 ir, 17 ar, 18 oda, 22 enal, 23 si, 24 aiaia.

VERTICAIS.—25 al, 26 lene, 27 do, 2 ar, 28 Cid, 4 ror, 29 ir, 30 ribaldo, 6 diabrill, 31 razão, 32 gi; 33 ri, 34 alára, 35 rol, 11 aba, 36 ia, 16 ir, 18 oca, 37 tuna, 38 ais, 19 ai, 39 ai, 22 ei, 40 ai.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso distinto colaborador EDIPO IGNOTO.

HORIZONTAIS.—1 letra. 2 quadrupede. 3 concordas. 4 meio, batrachio. 5 até agora, atravez. 6 mulher de Proeto. 7 jogo de cartas. 8 garbo, gigante, para. 9 vila portuguesa, letra, medida. 10 nome (f.), manei-re, semi-deuses. 11 costa, dependente, aperfeicção, insipido. 12 sustentento-a, templo, porta falsa. 13 planta, letra, burra. 14 igual, combino, unica. 15 coisa minima. 16 des-maiaiva. 17 instrumentos (inv.), nome (f.). 18 três em conta romana, consagra. 19 peixe. 20 modo. 21 letra.

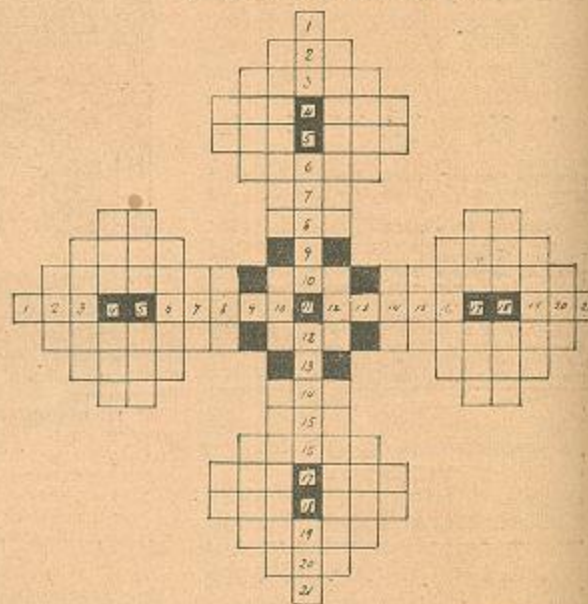
VERTICAIS.—1 letra. 2 constelação. 3 nome (f.). 4 ninfa, viscera. 5 escarneceu, vegetal. 6 pedra filosofal. 7 3.ª mulher de Athamas. 8 do

QUADRO DE HONRA

EDIPO IGNOTO, SPARTANUS.

que, capital de Colchos, nota de musica. 9 ins trumento, letra, chegas de súbito. 10 seguidilha, doutrina, fantasias. 11 e sem, emprego dum palavra em sentido figurado, Beocia, pron. pess. pl. 12 pedras preciosas, tormenta, esque-

ROSA DOS VENTOS



EDIPO IGNOTO

cam. 13 tinha éxito, letra, caução. 14 a, textualmente. alem. 15 nesse logar. 16 impedia. 17 pachá de Janina, esboçado. 18 expôr, ave. 19 futura. 2 esta. 21 letra.

EX.ªS SENHORAS

Participamos a V. Ex.ªs que inaugurámos a nova seccao de CABELEIREIRO PARA SENHORAS E CREAMÇAS

MANUCURE E MAÇAGISTA

nos nossos ateliers de MODAS E CONFECÇOES da Avenida Almirante Reis, n.º 29, 1.º D.º (aos Anjos)

Sob a habil direcção do Sr. Reginaldo Cruz, ex-empregado do Salão Tivoli Ema Noronha, Ltd.

The Motor Car Stand L.ª

Representantes das acreditadas marcas de automoveis

Pierce — Arrow — Kissel e Pontiac

11 — RUA PAIVA DE ANDRADA — 13

Telefone 3100 C.

LISBOA

Antiquidades

A' venda e em exposicao no BRIC-A-BRAC ESTRELA.—Calçada da Estrela, 3, (esquina da Rua Miguel Lupi).

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

VARIA

AFONSO XVIII, O REI MENINO

FAZ agora vinte e cinco anos que subiu ao trono da Espanha um adolescente pálido e magro que, apesar do seu aspecto franzino e de ser filho dum tuberculoso, se transformou num homem forte, cheio das mais viris qualidades da sua raça. A Espanha festeja jubilosamente as bodas de prata entre

Afonso XIII tem cumprido galhardamente, há vinte e cinco anos, todos os deveres do seu pesado officio de rei. Ajudado por Deus, tem evitado a sanha homicida dos seus inimigos e tem garantido amplamente a successão da dinastia. Escapou, pelo menos, a três ferozes atentados: O de 30 de Maio de 1905, em Paris, na rua Rohau, d'pois do qual disse, sorrindo, ao Presidente Loubet: «Não se preocupe: São os ossos do officio!» O de Madrid, a 31 de Maio de 1906, no dia do seu casamento, quando do n.º 88 da Calle Mayor o anarquista Matteo Moral arremessou com ra o coche régio um bomba que matou 19 pessoas e feriu 56. Depois d'esse atentado, o rei apenas disse que o lamentava por causa das vítimas, alheias á questão politica. O ultimo, no domingo 13 de Abril de 1913, quando, á frente do seu Estado Maior, o rei avançava pela Calle de Alcalá, regressando d'uma cerimonia de juramento de bandeiras. Quasi á queima-roupa, o anarquista Sancho Alegre disparou sobre o monarca, mas este, com a maior coragem, empinou o cavallo, já ferido, e derrubou o agressor, soltando um grito de «Viva a Espanha!» que ressoou pelo mundo inteiro como uma bela afirmação de rapidez, como um oportuno gesto, cheio de «panache» e de beleza viril.



Afonso XIII e Vitória Eugénia de Battenberg, em 1906 por ocasião do seu casamento.

o seu rei e o trono, porque, peze embora aos que tem focado apenas os lados vulneráveis do soberano, a prosperidade da nação visinha anda intimamente ligada ao esforço pessoal do monarca.

A rainha Maria Cristina, ao seu disvelado amor maternal, se deve o milagre de transformar a criança débil num rei que pode bem com a sua pesada tarefa. O desporte contribuiu para essa milagrosa resurreição. Afonso XIII é, sem contestação, o maior «sportsman» da sua terra, devendo-lhe a cultura física a mais carinhosa protecção. A caça e o hipismo foram os seus maiores entusiasmos de adolescente. Desde pequeno, ta bem foi, na caça, uma das melhores «espingardas» da Espanha. S. Sebastião, Santander e Bilbao presenciaram os seus triunfos nauticos, e o seu «balandro» «Tonino» foi o vencedor das mais dificeis regatas. Como automobilista, tornou-se incedível, e as suas viagens de Madrid a Santander, em seis horas, são um continuo susto para os seus amigos, que são quasi todos os espanhois. As corridas de cavalos que, em Espanha, só se tornaram notáveis durante a guerra, devem ao rei a celebridade que hoje disfrutam, e ao «turf» espanhol sempre emprestaram o maior fulgor os cavalos pertencentes ao soberano. O Hipódromo de Lagamarejo, em Aranjuez, pertencente ao rei, é talvez o melhor da Europa.

Afonso XIII é um rei moderno, em toda a acepção da palavra. Sente-se que «tomou gosto» pela sua profissão e que a ela se dedica u O exercito, a marinha, o commercio, a industria e a agricultura da Espanha devem lhe o seu invejável esplendo.

Como chefe de familia, Afonso XIII tem sido menos feliz do que como rei, visto que os seus dois filhos mais velhos são dois doentes. Não se confirmando no entanto, o boato de que o príncipe das Astúrias seria afastado da successão ao trono, e tudo indicando que elle possa, como seu pai, reagir contra qualquer predisposição doentia, Afonso XIII só tem a lamentar-se de ser pai dum rapazinho surdo-mudo, a quem a beleza do seu berço dourado só tornar á mais flagrante o contraste entre a sua desgraça e a vida de qualquer humilde filho do povo, a quem Deus concedesse o dom que lhe foi negado.

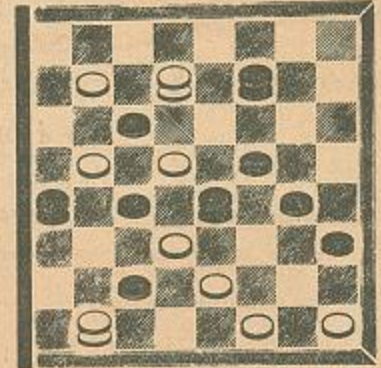
Sobre Afonso XIII contam-se dezenas de episodios anecdoticos que exuberantemente provam a bondade e espirito de justiça de que é dotado. O mais recente data de dois ou três meses apenas. Durante a sua ultima enfermidade—um forte ataque de «influenza»—o rei foi velado, durante a noite, pela Irmã Anastacia, do Convento da Esperança, de Madrid. Agradecido aos cuidados da freira, D. Afonso foi ao Convento, tomar chá com as irmãzinhas, que o receberam o melhor possivel, mostrando-lhe algumas dependencias da sua morada. No jardim, o rei encontrou o unico jardineiro do convento e perguntou-lhe donde era natural. O homem respondeu que era de Murcia, reo quando lhe o soberano: «Pues deberias ir ahora a tu pueblo, que alli va a coronarse á la Virgen de la Fuensanta, tu patrona»...

Num suspiro, num gesto de resignação, o homem manifestou a impossibilidade de ir. O rei não disse mais nada, mas daí a dias o jardineiro, chamado á administração da Casa Real, recebia um bilhete de ida e volta para a sua cidade natal, acompanhado dum donativo. O soberano convidava-o a assistir á coroação da «Virge den la Fuensanta», que, com certeza, ouviu, pelo menos, uma prece sincera pela felicidade do rei de Espanha.

DAMAS

PROBLEMA N.º 122

Pretas 3 D e 6 p.



Branças 2 D e 7 p.

As Brancas jogam e ganham.

Solução do problema n.º 121

Branças	Pretas
1 20-24	28-19
2 11-15	19 10
3 3 8	12-3 (D)
4 4-8	3-12
5 11-16	12-19
6 26-30 (D)	19-26
7 30-19-6-13-22-15	25-21
Ganha	15 0

Resolveram o problema n.º 120 os srs.: Alvaro dos Santos, Armando Machado (Ilhavo), Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Carlos Gomes (Benfica), José Brandão (Infantas), Jotaélle (Figueira da Foz), Mario Domingos Pereira, Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado por «Jotaélle», que o offerece ao seu prezado amigo «Neutame», dizendo ser este um dos mais distintos jogadores da Figueira da Foz, e agradecendo-lhe a gentileza pela dedicatória, que lhe foi feita com o problema n.º 120. Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do Jogo de Damas. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

Barreiro de sombra
CAMPO PEQUENO

Mais duas alternativas; mais dois novos profissionais: Manoel Matias, o popular cavaleiro da praça de Algés e o bandarilheiro Antonio Dias, que tambem fez a sua aprendizagem nesta praça.

A estêria de ambos, no Campo Pequeno, não foi infeliz, tendo sido mesmo o seu trabalho mais animado do que o dos outros nossos toureiros, equestre e pedestres.

Manoel Matias, no final da lide dos seus dois touros, foi muito felicitado, em chamada especial, ao redor da arena. A ovação que recebeu foi justa e merecida, se bem que ainda seja cedo para se apreciar do valor do seu trabalho executado, nesta corrida, em dois touros, principalmente o primeiro, em que qualquer artista teria que brilhar fatalmente.

O bandarilheiro Antonio Dias tambem foi muito aplaudido e continuará a agsadar se mantiver os seus creditos, fazendo em sequentes corridas o que fez nesta, que já foi alguma cousa de notavel.

Elmino Teixeira, não esteve nas suas «noites» felizes, por motivos que el' explicou ao meu amigo Maximo Alcobia, critico do «Seculo» e ouvido por toda a assistencia do sector 1. A sua explicação resumiu-se no seguinte: Se não fez melhor trabalho, foi porque o touro não se prestava ao que ele queria. Não está certo.

Brilhante em toda a corrida o primoroso espada «Armillita», que arrebatou a numerosa assistencia com o seu excelente trabalho de bandarilhas, capote e muleta.

Os forcados, uma lastima e a direcção da corrida a cargo do ex bandarilheiro Artur Felix pouco energica e deficiente por vezes, sendo bom acentuar que, referente ás pégas, o director da lide não teve responsabilidade nos erros cometidos, desde que esse trabalho era da competencia do grupo que executava as pégas nos touros escolhidos pelo cabo da referido grupo.

ZEPEDRO,

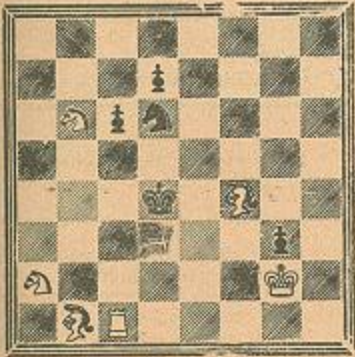
XADREZ

A correspondencia sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

N.º 123—PROBLEMA

Por B. M. Neill

Pretas (5)



Branças 16

Mate em dois lances.

Solução do problema n.º 122

1 R c 4 - c 3 2 R c 3 - d 2 3 T f 3 - f 4 x
c 5 x b 4 -
joga
1 c 5 - c 4 2 T f 3 - f 1

Resolveram o problema N.º 121 os srs. Nunes Cardoso, Rodrigo Machado, Antonio Emilio, Manuel Nunes, Bernardo Diniz de Ayalla, Pedro Eça (Potinho) e Jacobina Gentleman.

O XADREZ E OS NUMEROS.—Com Rei, Bispo, e Cavallo dum lado e Rei do outro é possível colocar, 16 em metade da tabuleiro, 430.000 posições diferentes; considerando apenas um retangulo de 12 casas o numero de combinações é ainda 6.000. Os primeiros dez lances duma partida prestam-se a um numero de combinações que se representa pela unidade seguida de 29 algarismos; se todos os habitantes da terra jogassem simultaneamente gastando um minuto para cada lance, precisariam de 2170 milhões de seculos para realizar a serie de combinações representada por esse numero.

Tudo

Consegue, Rua do Sol ao Rato, 215 3.º

MOVEIS E ESTOFOS
Ao Confortavel

DE
NASCIMENTO PIEDADE

TELEFONE NORTE 3968

Rua da Palma, 109 a 115, 1.º
LISBOA

Canetas com tinta

O que ha de melhor

CONCERTAM SE CANETAS

DE TODAS AS MARCAS

PAPELARIA DA MODA

1167, RUA DO OURO, 173

LISBOA

Artigos

para todos os Sports
Jogos diversos

CASA SENNA

48, RUA NOVA DO ALMADA, 52
Telefone C. 1231

PERFUMARIA ELITE

A casa que maior numero de
especialidades vende a peso
SECÇÃO DE CABELEIREIRO

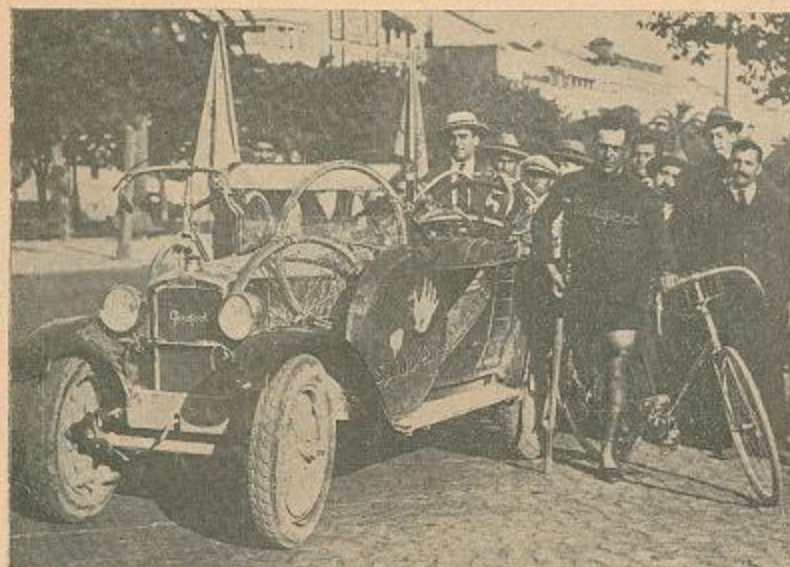
PARA SENHORAS

Depósito do Pó d'arroz Gabriela
LARGO DO CALHARIZ, 18—TELEF. 148 T.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

actualidades graficas

A I VOLTA DE PORTUGAL EM BICICLETA

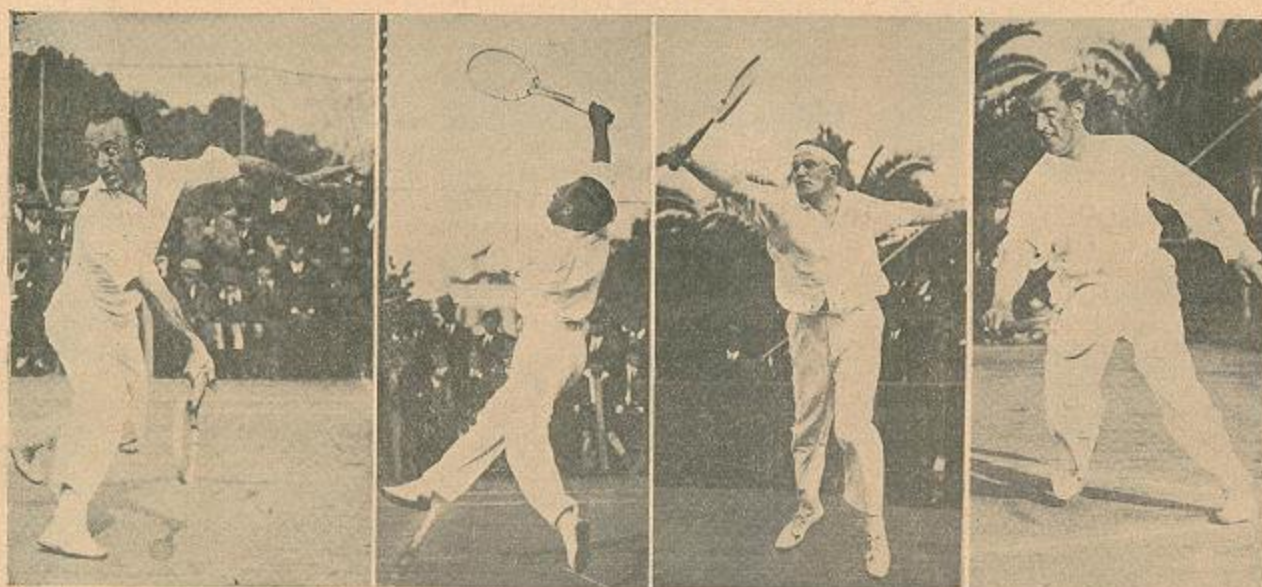


O «côxo dos pneus», Augusto Santos, que fez a volta a Portugal, junto do pequeno e resistente «Peugeot» 5 H. P., que o apoiou sem uma pane...



O vencedor, Antonio Augusto de Carvalho, em plena acção, no Lumiar.

O TENNIS INTERNACIONAL



Os jogadores portugueses e alemães que jogaram para a disputa da Taça Davis, o maior troféu mundial de tennis. Da esquerda para a direita: D. José de Verda, Casanovas, Denzasius e Moldenhauer.

A ARTE NA JOALHARIA



Uma linda salva de estilo, produção da conhecida e acreditada casa J. e M. Pedro Fraga, R. da Palma n.º 82.

FESTAS ESCOLARES



D. is aspectos das festas escolares realizadas no Colegio Portugal, um dos nossos modelares estabelecimentos de ensino particular.

PUBLICIDADE

FABRICA DE MALAS, CARTEIRAS
E ARTIGOS DE VIAGEM

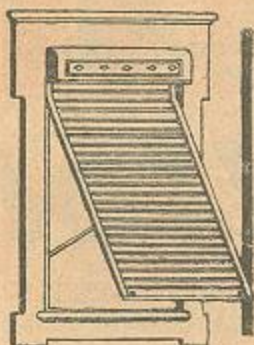
DE

JOAQUIM PEREIRA MONTEIRO

AVENIDA CASAL RIBEIRO, 43 a 57—LISBOA

Fabrico especial em malas, carteiras, bolsas de senhora, pastas para escritorio, casas bancarias, companhias e de mais artigos que digam respeito á mesma industria. Concertos gerais em todos os artigos.
Sempre novidades, execução rapida, solida e perfeita.

TELEFONE 5347 NORTE



STORES
GELOSIAS

Os mais perfeitos e mais baratos.
Unicos que resistem ao sol e á chuva.
Encomendas rapidas na

RUA MARIA ANDRADE, 11
LISBOA

PIANOS E ORGÃOS
INSTRUMENTOS MUSICOS

GRAMOFONES E DISCOS — OFICINA DE CONCERTOS

Custodio Cardoso Pereira & C.^a
9, RUA DO CARMO, 13 — LISBOA

TELEFONE C. 641

Casa Polissy
Galvani
Guilherme F. Simões
LIMITADA



COLOCAÇÕES
E reparações de campainhas electricas,
telefonos e para-ruas

LUZ ELECTRICA
Deposito de todos os aparelhos
da sua especialidade

Preços sem competencia Descontos aos revendedores

13, RUA SERPA PINTO, 15
LISBOA

FOGÕES ECONOMICOS!!

350s



ASSA
GRELHA
COZE
FERVE
E NÃO
SUJA

SEM FUMO
SEM CHEIRO
SEM CINZAS

EM 12 PRESTAÇÕES MENSUAES

CADA GAZ VER AS NOSSAS MONTRAS
RUA DA BOA VISTA 55

AUTOMOBILISTA LIMITADA

160, RUA ALVES CORREIA—LISBOA

Sempre o maior sortimsnto de accessorios para automoveis

PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telcgrafico: AUTOMOBILISTA

Teléf. 4218 Norte



Gillette
as suas barbas

Milhaes de homens GILLETTE barbeiam
diariamente todo mundo. Com uma GILLETTE
rasa-se em momento a barba mais dura,
ficando o rosto macio como um veludo.

Esportilhos
e Cintas

Marca «POMPADOUR»
Os melhores, mais resistentes e
mais elegantes.

CINTAS MEDICINAIS
para todos os padecimentos
abdominaes



A POMPADOUR
28, Chisdo, 30
Teléf. C. 210

Gramofones e Discos

PIANOS—MUSICA
INSTRUMENTOS E ACCESORIOS
OFICINA DE PIANOS
E AFINAÇÕES
CASA GOUVEIA MACHADO
RUA ALVES CORREIA, 152

Os insectos das
arvores

Evita eficazmente que as arvores sofram os enormes
prejuizos que causam todos os insectos, usando-se o
creditadissimo produto americano:

Cola «TANGLEFOOT»

A venda na DR. GARIA CEZAL
De ALBINO GARCEZ 12, Rua do Comercio, 14

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A maior fração de todos os semanários portugueses

O DOMINGO

ilustrado

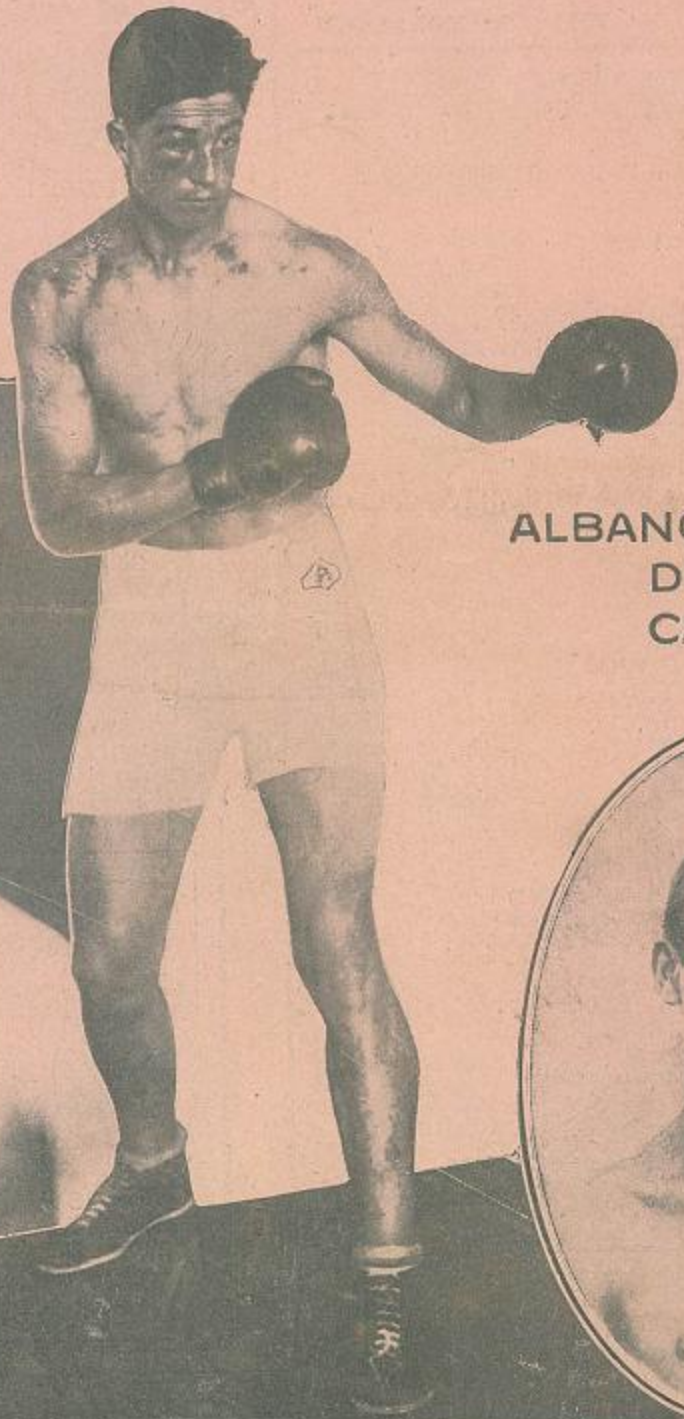
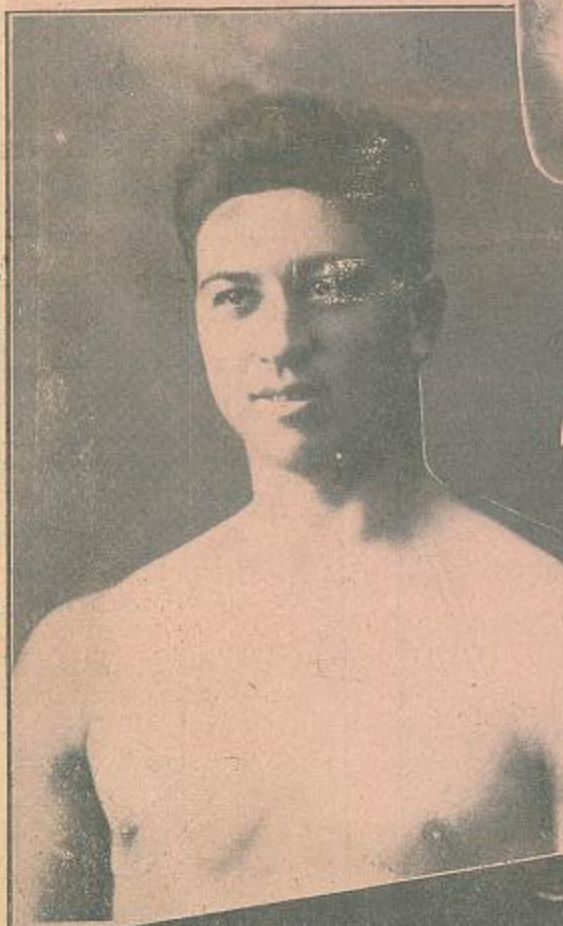
ASSINATURAS
DIRETORIA E REDACÇÃO
AV. DE 25 DE ABRIL, 150
LISBOA - 1.ª SEC.
TEL. 13.814

ASSINATURAS
DIRETORIA E REDACÇÃO
AV. DE 25 DE ABRIL, 150
LISBOA - 1.ª SEC.
TEL. 13.814

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES - CRÓNICA - TESTOS - SPORTS & DIVERTIMENTOS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES

CRUZ

COELHO



ALBANO
DE
CAMPOS



Dois "Azes" do box Português

Cruz Coelho, o atleta admirável, antes e depois do combate que realizou com o pesado marsehez Barrick, do qual, apesar de duramente tocado, como se vê na gravura, safu galhardamente vencedor. O sorriso de Albano de Campos, o rápido e valoroso boxeur, vencedor de Biron Ainé e «challenger» de Tavares Crespo.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING